

## RESENHA/REVIEW

ADSORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Tradução: Felipe Catalani. São Paulo, Editora Unesp, pág. 45-77-2020.

por Mara Cristina Pereira \*  
Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil

**RESUMO:** Na palestra proferida no ano de 1967, Theodor W. Adorno, um dos grandes pensadores da Escola de Frankfurt, começa ressaltando que não intenciona apresentar uma visão da direita radical na completude que o tema exige, mas sim apontar algumas das características de uma nova direita mais radical do que ele havia abordado em uma palestra no ano de 1959. Dessa forma, frente aos novos elementos socioeconômicos da recente queda do nazifascismo, o filósofo alemão considerou necessário abordar novos aspectos do que ele chamou de novo radicalismo de direita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ultradireita; Radicalismo; Nazifascismo

**ABSTRACT:** In the lecture given in 1967, Theodor W. Adorno, one of the great thinkers of the Frankfurt School, begins by emphasizing that he does not intend to present a vision of the radical right in the completeness that the subject requires, but rather to point out some of the characteristics of a new right more radical than he had addressed in a lecture in 1959. Thus, faced with the new socioeconomic elements of the recent fall of nazifascism, the German philosopher considered it necessary to address new aspects of what he called the new right-wing radicalism.

**KEYWORDS:** Ultra-right; Radicalism; Nazifascism

Partindo dos pressupostos elencados na palestra de 1959, Adorno correlaciona o fortalecimento da ultradireita na Alemanha com a fase da superacumulação do capital, visto que aquela concentração do capital ameaçava alguns grupos sociais - sobretudo os burgueses - em seus poderes aquisitivos, em seus *status* sociais e em seus privilégios. A este fato, o filósofo alemão chamou de *possibilidade de desclassificação*, que seria o rebaixamento social o qual alguns grupos sociais encontravam-se iminentemente suscetíveis.

A consequência desse rebaixamento social, real ou hipotético, ocasionou uma forte aversão ao socialismo (ou ao menos o que eles consideravam como socialismo), pois associaram aos ideais socialistas o motivo de tal decadência infligida aos grupos mencionados. Adorno aponta que esta culpabilização ao socialismo é embasada em critérios subjetivos e não nos mecanismos reais (modo de sistema capitalista e organização política) que de fato ameaçaram ou efetivaram tal rebaixamento social.

\* Professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação, SEMED. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT. Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal do Espírito Santo - IFES. E-mail: mara.mariano14@gmail.com

Tal cupabilização também estava ligada à dificuldade que esses segmentos societários alemães tinham em aceitarem a transição de certos aspectos socioeconômicos e políticos conservadores às novas transformações socialistas na Alemanha pós-guerra. Neste contexto sócioeconômico e político, Adorno faz uma análise a respeito da expansão do keynesianismo pelo mundo e conclui que tal modelo de política social não evitou que a inflação aumentasse, muito menos garantiu o pleno emprego aos trabalhadores. Outros fatores também contribuíam com a inflação e desemprego observado naquele contexto; medo da substituição da mão de obra do trabalhador na era da automatização tecnológica, medo da privação da recém-conquistada liberdade presente em algumas regiões alemãs, receio de novas ameaças externas, entre outros fatores.

No que tange à prevalência de aspectos fascistas na Alemanha no ano de 1967, Adorno chama a atenção ao fato de que, dentro dos principais Blocos Econômicos (Socialismo/ e Capitalismo/EUA) formados no pós-guerra mundial, o nacionalismo ainda imperava, porém agora com uma abordagem de interesse coletivo e de maneira organizada. Em uma análise psicológica-social e até mesmo concreta, o filósofo alemão identifica o receio de adesão a um ou a outro bloco, visto que qualquer uma das escolhas poderia resultar em perdas materiais.

Outro fato que se destaca na análise de Adorno diz respeito ao contraste existente dentro deste novo radicalismo de direita: ao mesmo tempo em que os países têm suas individualidades enquanto nações, eles se encontravam subordinados aos ditames dos grandes blocos econômicos mencionados. Individualidades essas de difícil percepção, visto que elas estavam condicionadas a políticas ditadas pelos grandes blocos econômicos daquela época.

No tocante às ideologias presentes nesta nova direita radical, Adorno aponta haver um perigo caso elas perdessem seu caráter objetivo por meio de projetos propagados por meio de ideias abstratas. Um exemplo do perigo de ideais difundidos desta maneira é a utilização do nacionalismo no governo de Hitler, o qual, primeiramente, ainda que disfarçado, confuso e contraditório, apresentou-se em um viés ideológico, para depois aparecer materialmente em prol dos interesses do governo nazista.

Adorno observa haver evidências de um medo generalizado que as sociedades conservadoras sentiam frente ao desenvolvimento sócioeconômico e político naquele contexto do pós-guerra, segundo o filósofo alemão, tal medo consistia numa resistência a mudanças, de um receio da suposta perda de valores tradicionais, da falsa ideia de que imigrantes poderiam afetar a cultura e a economia alemãs, a falta real de distribuição de oportunidades socioeconômicas de maneira igualitária para alguns segmentos societários (agricultores, comerciantes e pequenos burgueses).

Desta forma, em meio aos arranjos socioeconômicos e políticos analisados, Adorno observou que os grupos sociais já mencionados apresentavam suas próprias dificuldades: os comerciantes enfrentavam as ameaças contidas na livre concorrência comercial; os agricultores não encontravam uma forma coletiva, organizada e satisfatória na produção e comercialização agrária, fato este que causava enorme tensão na época. Quanto à participação do grupo industrial nesta análise de Adorno, o filósofo alemão aponta não haver indícios concretos de apoio deste segmento aos demais grupos mencionados.

Com base em suas pesquisas sócioempíricas, Adorno aponta haver ainda, no contexto analisado, posicionamentos nazistas, e não somente por parte dos simpatizantes que apoiaram tal ideologia política derrotada em 1945, mas também a existência de simpatizantes entre os jovens no ano de 1967 com sentimentos *de que a Alemanha deve*

se reerguer igualmente aos que os jovens sentiam no ano de 1945.

Em um comparativo dos ideais nazifascistas entre Itália e Alemanha, Adorno observa, sob o ponto de vista da psicologia social, que o pânico e as consequências dos malefícios advindos dessas ideologias políticas não aconteceram nas mesmas proporções nos dois países; na Alemanha não houve um total rompimento com o fascismo, o que explica a identificação no ano de 1967 dos aspectos radicais da direita.

Evidencia-se, desta forma, no contexto analisado, uma relação estrutural existente entre os grupos que estavam (ou se sentiam ameaçados em estarem) em processo de rebaixamento social e a economia. Porém o filósofo alemão alerta que as problemáticas oriundas dessa relação já eram perceptíveis antes mesmo dos aspectos do radicalismo da direita ganharem evidência no ano de 1967.

Adorno chama a atenção ao fato de que ele considerou como pouco abordado nas análises sobre essa nova direita radical: a complexa relação ocasionada pelo *sentimento de catástrofe*, sendo tal sentimento calcado em uma base marxista distorcida de sua essência e somada a uma racionalidade pautada em hipóteses de perdas. Hipóteses essas definidas por Adorno como um tipo de manipulação exercida pela direita para alimentar sua causa liberalista e autoritária.

Adorno explica também haver um apelo às forças mobilizadoras nos movimentos apoiadores desta nova direita radical; tais forças geravam *desejo inconsciente de desgraça, de catástrofe*, porém, segundo o filósofo alemão, há outro aspecto muito mais preocupante contido neste apelo: uma base concreta que extrapolava a motivação psicológica encontrada nesses movimentos. O filósofo alemão coloca que esta base radicalista da nova direita - e neste ponto o filósofo alemão deixa claro que sua análise vai além dos elementos psicanalíticos contidos nos fenômenos sociais e políticos - não visava uma transformação social e que os grupos dos pequenos burgueses ao se sentirem ameaçados em perderem seus privilégios socioeconômicos acabaram por desejarem a destruição dos grupos sociais que compunham a sociedade de 1967, mesmo que a destruição viesse a atingir seus próprios grupos.

No que tange à ascensão do Partido Nacional- Democrático da Alemanha explica ter observado um aspecto bem peculiar; sua capacidade organizacional em exercer os ideais da direita de maneira mais sutil do que seu antecessor, o Partido Neonazista (fundado em 1949, posteriormente proibido em 1952), bem como outros partidos com ideologias semelhantes. Quanto a essa organização política da direita, aparentemente distanciada dos aspectos radicais da doutrina política nazifascista, Adorno explica que, especificamente na Alemanha, essa estratégia deu certo devido ao fato de que naquele contexto surtia efeito aquilo que era *rigido e centralista* e não aquilo que se apresentasse apenas subjetivamente, pois o povo alemão não confiava em ideais sem uma base concreta.

Outra característica da ideologia alemã analisada naquele por Adorno diz respeito ao apelo de união constante entre os alemães, sendo essa ideologia alemã tão forte a ponto de até ser colocada estrategicamente no discurso *Permaneçam unidos, unidos, unidos* de Hindenburg como algo imprescindível para sobrevivência alemã mediante as ameaças que o país alegava sofrer. Adorno analisa que devido ao fato de ainda existirem tais características políticas, naquele momento de sua análise, era a prova do quão profundo os aspectos fascistas mostravam-se presentes na Alemanha, apesar das transformações socioeconômicas e políticas ocorridas no período pós-guerra.

É nesta necessidade de segurança demonstrada pela população alemã e com uma promessa de garantias incertas e duvidosas que, segundo o filósofo alemão, a nova direita radical encontrou um meio de ganhar adesão aos seus ideais. Adorna coloca que o fato de a Alemanha, em comparação a outros países europeus, ter mostrado lentidão

em constituir um *Estado nacional* é outro fator a ser considerado como importante em sua análise sobre os aspectos da nova direita radical no país alemão. Ele explica que a população alemã, naquele contexto analisado, parecia viver em uma angústia contínua, a qual era motivada pela necessidade de se buscar uma identidade e tinha como resultado a contribuição do fortalecimento nacionalista alemão.

Devido à importância dos movimentos apoiadores desta nova direita radical, Adorno retoma sua análise e explica que eles não têm seus ideais baseados em teorias, pois são pautados em bases intelectuais muito limitadas. Entretanto, o filósofo alemão adverte que mesmo assim esses movimentos conseguiam sucesso, pois eles se utilizavam dos meios, na perspectiva da racionalidade instrumental, para avançarem com seus ideais. Adorno define essa manobra da direita como uma mistura da racionalidade instrumental, sem a consideração de finalidade que a complexidade da vida em sociedade requer - neste ponto ele aponta este fato ser uma tendência das sociedades civilizadas - e com o apoio da mídia em alimentar a confusão entre realidade e ilusão que são necessárias para legitimação dos interesses socioeconômicos e políticos dos grupos detentores do poder.

Adorno coloca que o Partido Nacional- Democrático da Alemanha- NPD, apesar dos conflitos existentes dentro da então cúpula da época, obteve êxito no avanço da chamada *ala dura ou radical*. Segundo o filósofo alemão, tal partido apresentou ligação com outro partido conservador que tinha apoiadores de algumas das causas nazistas. Em comum entre esses ideais políticos da direita encontrados em sua análise, Adorno conclui que nenhum desses partidos de fato considerou o interesse real dos aspectos socioeconômicos da população alemã e, também, em algum nível, eles alimentavam ou ignoravam o delírio coletivo o qual era disseminado a favor dos objetivos da direita.

Em meio a estes acontecimentos analisados por Adorno, ele explica que arranjos *políticos sobrevivem a sistemas e as catástrofes*. Para fundamentar tal afirmação ele traz como exemplo a identificação de polos nazistas no século XIX em lugares distintos na Alemanha. O autor também fala sobre já existir no mesmo período em questão grupos que em comum apresentavam aspectos do radicalismo de direita e a aversão à ideologia socialista de esquerda.

Quanto a movimentos apoiadores dos ideais ultrarraduciais, Adorno fala que havia manipulações forçadas nestes movimentos e que eles tinham *algo de um fantasma*, sendo que este algo fantasmagórico comprometia a espontaneidade da maioria da população alemã. Devido a esses fatos analisados por Adorno, ele alerta para a possibilidade de alguns desses movimentos políticos conseguirem correlacionar à concretude objetiva com algo que possa oferecer algum perigo (real ou ilusório) e com isso poderiam justificar ações extremistas para lidarem com a possível ameaça.

Naquele ano de 1967, Adorno considerou que a Alemanha não estava diante de uma situação com riscos tão altos de acontecimentos iminentemente catastrafóbico, porém ele aponta que aspectos do radicalismo da direita evidenciados por pesquisas naquele contexto indicavam números os quais não deveriam ser ignorados, muito menos subestimados. Ou seja, ao se ignorar tais possibilidades, haveria possibilidades de instaurações de políticas com ideais fascistas, as quais, por meio de sistemas delirantes, teriam o poder de induzir certa aceitação às causas absurdas desse sistema político, bem como atrapalhar o combate dele. No que tange à relação que o fascismo tem com o sistema delirante, Adorno explica que ela tem uma função significativa, sendo que nesta função destacam-se os sujeitos pertencentes a um tipo manipulador, conforme o filósofo alemão definiu por meio de seu estudo: *A Personalidade Autoritária*.

Neste ponto de sua palestra, Adorno considera importante - com a intenção de não passar sua análise como algo meramente esquematizado - apontar as diferenças

encontradas entre a República de Weimar (governo alemão iniciado no período pós-primeira guerra mundial no ano de 1919, sendo destituído do poder com a ascensão do nazismo no ano de 1933) e os aspectos analisados por ele no ano de 1967. Um importante aspecto que Adorno discorre durante esta palestra é sobre como a disseminação do medo entre a população alemã ocorria por meio de *apelos éticos* e *apelos à humanidade* e como eles devem ser evitados em discursos políticos, pois tais apelos podem levar à naturalização e banalização de ações arbitrárias e desumanas.

Adorno faz um importante alerta sobre os apoiadores do radicalismo de direita naquele ano de 1967: havia uma grande possibilidade de eles serem arrastados ao desastre conforme a experiência nazifascista de outrora já havia provado. O filósofo alemão coloca que para o combate sério desses aspectos radicais da direita seria preciso confrontar abertamente os interesses reais por detrás deles. Ele também afirma ser necessário o envolvimento da população jovem neste combate, pois os jovens estariam mais suscetíveis a serem envolvidos em práticas militares e na lógica mercantilizadora.

Continuando sua explanação, Adorno fala sobre a diferença do contexto político entre o governo da República de Weimar (1919-1933) e o governo alemão daquele ano de 1967: no primeiro governo, a Alemanha ainda tinha uma potencialidade em ser *sujeito político*, já no contexto político de 1967, Adorno considera que a Alemanha nem mesmo tinha mais o potencial em ser *sujeito político*, ele também coloca existir a possibilidade de acontecerem retrocessos socioeconômicos devido ao fato de os movimentos políticos daquela época estar pautados nesse radicalismo evidenciado na nova direita alemã.

Quanto a este possível atraso que Adorno menciona, ele explica haver duas hipóteses: de um lado a possibilidade de um retrocesso servir de alerta socioeconômico e político para a Alemanha - salvo se o radicalismo da direita ganhasse adesão e força em outros países - e do outro lado à possibilidade de uma produção de “fúria” motivada pela ameaça desse atraso. Mediante esta evidenciação, Adorno explica que essas manobras ultraconservadoras da direita na Alemanha eram transvestidas de uma democracia idealizada, o que dificultava o combate ou a tentativa de combate das reais intenções, com fortes resquícios fascistas e fundamentadas em inverdades, contidas nelas.

No que se referem a essas inverdades, elas ofereciam uma falsa sensação de autonomia e liberdade para a população alemã, ainda que de maneira um tanto confusa e fragmentada, os alemães compravam a ideia de participação democrática nas decisões em ações políticas e econômicas de seu país. Há também um apontamento de Adorno de como governos autoritários ainda podem perigosamente sobreviverem em novas roupagens que não as nazifascistas.

Outro ponto que Adorno chama a atenção é referente ao papel da propaganda neste jogo de interesse que envolvia os novos aspectos radicais da direita: ela alimentava e propagava as ideologias da direita, reforçava a manutenção do controle das massas por meio da disseminação de informações, na maioria das vezes, distituídas de veracidade e em prol da manutenção dos sujeitos no estado de exploração/alienação. O resultado dessa articulação entre propaganda e ideologia ultraradical, segundo Adorno, foi o fortalecimento e naturalização de governos autoritários pelo mundo.

Nesta análise de Adorno destacam-se também as manobras da classe dominante em prol de seus interesses, tais como a apropriação de simbologias das pautas de esquerda, discursos teóricos-científicos com bases intelectuais duvidosas, entres outras. Tais aspectos evidenciados corroboraram com o fortalecimento de personalidades autoritárias capazes atrocidades tais quais as ocorridas nas primeiras e segundas guerras mundiais. No que concerne à minimização das consequências recentes ocasionadas pela barbárie nazifascista, a ideologia e os discursos da direita ultraradical, segundo

Adorno, eram sustentados em artimanhas midiáticas de propagação com um ideal confuso e incerto transvetido de alguma luta social para, assim, ganhar a simpatia da população alemã.

Um fato que chama a atenção no contexto analisado pelo autor alemão e que se mostra bastante evidente em muitas das sociedades capitalistas contemporâneas diz respeito ao apelo nacionalista encontrado na Alemanha de 1967. Adorno explica que além de tal aspecto nacionalista, o cenário sóciopolítico e econômico encontrava-se perpassado por discriminações de grupos estigmatizados, políticas públicas pautadas em arbitrariedades, discursos xenofóbicos, banalização da cultura e dos ideais socialistas, apoio a leis contraditórias e incoerentes, entre outras ações de cunho nazifascistas.

Referindo-se mais uma vez ao estudo sobre a personalidade autoritária, Adorno aponta como os adeptos e propagadores deste novo radicalismo de direita apresentavam personalidades condizentes com ações retrógradas, discriminatórias e exploratórias. Como uma maneira de resistência aos aspectos ultraconservadores elencados, o filósofo alemão aponta o não se calar diante de tais manifestações como uma possibilidade eficaz, contudo, ele aponta que tal estratégia precisa tem fundamentação para além de pressupostos moralistas.

Por fim, Adorno fecha sua análise sobre os aspectos do novo radicalismo de direita frisando não considerar que a simples resistência às manifestações desses aspectos seja capaz de combater tais ideias no estado de enraizamento daquele momento histórico. Entretanto, o filósofo alemão coloca como imprescindível o desenvolvimento de formas de resistência às inevitáveis consequências que este novo radicalismo de direita já infligia naquele momento de sua análise, bem como é possível observar até no momento histórico atual.